

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA –
AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

**SALA DE AULA: UM AMBIENTE DE APRENDIZAGEM PARA O PORTADOR DO
TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE – TDA/H**

Érika Patrícia Lacerda Dias Souza

Orientador: Ilso Fernandes do Carmo

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA –
AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

**SALA DE AULA: UM AMBIENTE DE APRENDIZAGEM PARA O PORTADOR DO
TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE – TDA/H**

Érika Patrícia Lacerda Dias Souza

Orientador: Ilso Fernandes do Carmo

*“Trabalho apresentado como exigência
parcial para a obtenção do título de
Especialização em Psicopedagogia”.*

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA –
AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por estar ao meu lado, e ter me ensinado a compreender que a Vida não precisa ser conceituada, mas sim, vivida, e que é adorando-o que muitos venceram e que eu também vencerei.

A todos os professores do curso de Psicopedagogia.

A Neuzeli e Claudia , companheiras de estudo e grandes amigas, obrigada por tudo, jamais esquecerei de vocês e dos momentos que passamos juntas, que a nossa amizade seja eterna.

DEDICATÓRIA

A meu esposo,

Silvano Souza que não tem medido esforços para me fazer feliz, me dando conselhos e força para seguir com cabeça erguida esta importante fase da minha vida, é por você que eu estou aqui, obrigada por tudo te amo, serei eternamente grata pela sua paciência, carinho, compreensão e amor.

A meus pais,

A minha Mãe, Leila Alcina Lacerda Dias, grande amiga, que tem orado por mim durante minha jornada, seus conselhos e seu exemplo de vida me inspira para enfrentar novos desafios, te admiro muito.

A meu Pai Raul Gabriel Dias Filho, seu carinho, sua alegria e seu brilho no olhar me faz entender o quanto é maravilhoso ser sua filha, obrigada por acreditar no meu sonho.

Meu sogro Jorge Rodrigues e Adenilda Carmo, o apoio de vocês foram fundamentais para realizar meu desejo de ser especialista.

A meus irmãos,

Richardson, Leandro e Cristiane, pelos momentos de descontração, e por estarem sempre ao meu lado me auxiliando em tudo que eu preciso vocês são demais.

*Para ser sábio, é preciso primeiramente
temer a Deus.*

Provérbios 1.7

*Em todo tempo ama o amigo e na angústia
nasce um irmão.*

Provérbios 17.17

RESUMO

O presente trabalho monográfico teve como objetivo demonstrar que a sala de aula é um ambiente de aprendizagem para o portador do Transtorno do Déficit de Atenção, pois criança hiperativa, em sala de aula, exige uma atenção especial por parte do professor e nada melhor que este esteja bem preparado para saber contornar o problema, como posicionar este aluno em sala de aula e como proceder nas tarefas e no relacionamento, sendo um mediador entre o portador de TDAH e os demais alunos. A pesquisa fundamenta-se no crescente número de crianças hiperativas na sala de aula, pois, a hiperatividade só fica evidente no período escolar, quando é preciso aumentar o nível de concentração para aprender. O trabalho é de abordagem qualitativa, a pesquisa realizada em campo aconteceu em duas escolas, sendo uma particular e outra de rede pública, os questionários foram respondidos por oito professores que já lecionaram para um aluno TDAH, o foco principal é relatar o conhecimento que o professor tem a respeito do tema TDAH e que metodologias são trabalhadas em sala de aula para lidar com este aluno. Os dados revelaram que os professores não possuem metodologias específicas para trabalhar com os alunos portadores de TDAH, além disso as escolas não oferecem infra-estrutura para esse acompanhamento. Nesse sentido o Estado precisa também investir na qualificação dos profissionais da educação, tendo em vista o TDAH ser uma deficiência altamente presente, mas pouco conhecida.

LISTA DE SIGLAS

TDA – Transtorno do Déficit de Atenção;

TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade;

DDA – Distúrbio do Déficit de Atenção;

ABDA – Associação Brasileira de Déficit de Atenção;

MEC – Ministério da Educação e Cultura;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I	
1. ASPECTOS GERAIS RELACIONADOS AO TRANSTORNO DO DEFÍCIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE –TDA/H.....	12
1.1 Histórico do Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade.....	12
1.2 Definição e causas do TDA/H.....	13
1.3 Características do TDA/H.....	15
CAPÍTULO II	
2. A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E A INCLUSÃO: TDA/H.....	19
2.1 A Educação Inclusiva, um desafio.....	19
2.2 A Inclusão Social.....	21
2.3 A Inclusão Escolar do portador de TDA/H.....	21
CAPÍTULO III	
3. SALA DE AULA:UM AMBIENTE DE APRENDIZAGEM.....	23
3.1 Professores com alunos com TDA/H.....	23
3.2 Atividades escolares.....	24
3.3 Sala de aula: um ambiente de aprendizagem.....	27
3.4 Relação professor- aluno.....	28
CAPÍTULO IV	
4. A VISÃO DOS PROFESSORES FRENTE AO TDA/H.....	32
4.1 Apresentação dos dados	32

4.2 Análise e discussão.....35

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....39

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....41

ANEXO.....44

INTRODUÇÃO

A hiperatividade segundo a literatura é um problema mais comumente visto em crianças e é caracterizada pelos sintomas de desatenção, entendida como pessoa distraída, se a pessoa é muito ativa e às vezes agitada, vem ser entendido como pessoa hiperativa.

O interesse pela pesquisa surgiu quando eu tive um aluno com esses sintomas e não sabia lidar com a situação, era meu primeiro ano em sala de aula, e a coordenadora me indicou algumas obras, comecei a leitura e percebi que era um tema importante para ser discutido entre os professores, daí surgiu meu tema para monografia, pretendo investigar como se dá o relacionamento entre o professor e o aluno portador do Transtorno do Déficit de atenção com hiperatividade – TDA/H, através de um questionário, que será respondido pelos professores da Escola Estadual União e Força e Q.I Centro Educacional, no qual lecionaram para o “aluno com TDA/H”.

Esta pesquisa procura esclarecer e orientar a todos que de certa maneira se encontram envolvidos com a problemática do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade: pais, professores, familiares, entre outros, fundamenta-se no crescente número de crianças hiperativas na sala de aula, estima-se que 3% a 5% sofrem desta doença. A fundamentação teórica que norteou esta pesquisa está embasada nos seguintes pesquisadores: Rohde, Benczik, Mattos e Furtado que desenvolveram pesquisas nesta área.

Este trabalho tem por objetivo demonstrar que a sala de aula é um ambiente de aprendizagem para o aluno portador TDA/H, como também contextualizar a importância da educação inclusiva e identificar metodologias que o professor utiliza para trabalhar com alunos TDA/H.

Para alcançar estes objetivos utilizei a abordagem qualitativa, a partir de um estudo de caso, através das técnicas de levantamento bibliográfico e do questionário.

No decorrer deste trabalho monográfico serão apresentados alguns capítulos que nos remetem a uma reflexão sobre o tema estudado.

No capítulo I apresentaremos um sucinto histórico, definição, causas do TDA/H, e as características desta deficiência. No capítulo II abordaremos a instituição escolar e a inclusão do aluno portador de TDA/H, os conceitos, princípios, características da educação inclusiva, contextualizando a maneira que a escola deve agir com estes alunos. No capítulo III apresentaremos de que forma o professor lida com o aluno TDA/H, como também que tipo de atividade poderá ser aplicada para realmente fazer da sala de aula um ambiente de aprendizagem, e dicas para melhorar o relacionamento professor-aluno. No capítulo IV abordaremos a pesquisa campo, mostrando a visão dos professores frente ao TDA/H.

Espera-se que ao final deste trabalho tenhamos elaborado um material que sirva de fonte de informações que possa de maneira eficaz, auxiliar na reintegração do indivíduo aos grupos sociais (família, igreja, escola, etc) e estimular a valorização de seu aprendizado.

CAPÍTULO I

ASPECTOS RELACIONADOS AO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE – TDA/H

1.1 HISTÓRICO DO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE

O TDA/H é transtorno neurobiológico de origem genética de longa duração, persistindo por toda vida do indivíduo e tem início na infância, comprometendo seu comportamento em vários setores de sua vida.

Segundo MATTOS (2006), a primeira descrição sobre TDA/H surgiu em 1902, pelo médico inglês, George Still que descreveu um conjunto de alterações de comportamento em crianças com o transtorno. Essas alterações não podiam ser explicadas por falhas ambientais e o processo biológico desconhecido.

Desde que foi cientificamente descrito por Still, até os dias atuais, este problema recebeu diversas denominações: síndrome da criança hiperativa, lesão cerebral mínima, disfunção cerebral mínima, transtorno hipercinético.

Em 1980, a Associação Americana de Psiquiatria adotou oficialmente o termo (TDA) Transtorno do Déficit de Atenção, porém em 1994, foi atualizado para (TDA/H) Transtorno do Déficit de Atenção e hiperatividade, explicando o acréscimo da barra inclinada que o problema pode ocorrer com ou sem o componente de hiperatividade (MATTOS, 2006).

Em 2002 diversos especialistas de diferentes países elaboraram uma declaração internacional de consenso sobre o TDA/H, a fim de esclarecer a população sobre o que realmente se tratava esse problema. Podemos citar alguns pontos contidos na declaração:

- Não existe dúvida que o TDA/H é um transtorno genuíno;
- Existe suficiente evidência científica que esse transtorno compromete mecanismos físicos e psicológicos que são comuns a todas as pessoas;
- As deficiências ocasionadas pelo TDA/H podem acarretar sérios prejuízos na vida das pessoas;
- Existe comprovação que o TDA/H pode ser responsável por maior mortalidade, maior morbidade, prejuízos na vida social, no funcionamento familiar, nos estudos, e na aquisição de uma vida independente;
- As pessoas com TDA/H estão mais sujeitas a acidentes;
- A contribuição maior para a ocorrência desse transtorno se deve a fatores genéticos e neurológicos, sendo que o ambiente familiar contribui pouco para isso;
- O TDA/H não é um problema benigno, pode trazer problemas muito sérios;
- Quem tem o transtorno apresenta uma chance maior de abandonar os estudos;
- A pessoa com TDA/H está mais sujeita a ter um rendimento baixo no trabalho;
- Gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, multas de trânsito, conflitos matrimoniais e depressão são mais comuns nessas pessoas;
- Menos da metade das pessoas com esse transtorno estão em tratamento;

É notório que o TDA/H é um fator preocupante, mas com diagnóstico e um tratamento correto, grande número desses problemas podem ser evitados.

1.2 DEFINIÇÃO E CAUSAS DO TDA/H

O TDA/H é conhecido como DDA - Distúrbio do Déficit de Atenção que é o distúrbio comportamental mais comum da infância, e cabe aos médicos encaminhamentos aos serviços especializados, pois a maioria dos sintomas começa na infância e acompanha o indivíduo até a fase adulta, levando a graus variáveis de comprometimento tanto social como profissional (RODHE, 1999).

Para MATTOS (2005), o TDA/H¹ é um dos problemas psicológicos mais comuns durante a infância. O TDA/H é um distúrbio neurológico que pode ser de origem genética, e, é a causa mais comum de encaminhamento de crianças e adolescentes que apresentam prejuízos no seu funcionamento escolar e social pra especialistas. Este mesmo autor confirma com pesquisas que os meninos apresentam mais sintomas de hiperatividade e impulsividade que as meninas, embora todos sejam desatentos.

Acontecem também outras manifestações como manifestações como:

- Comportamental – que apresenta curto período de atenção, agitação e déficit do controle de impulsos;
- Social - que apresentam relações inadequadas como desobediência a comandos, agressão, mentira, roubo, linguagem obscena e desrespeitosa, falta de autocontrole, pouca habilidade para resolução de problemas;
- Cognitivo – que apresentam imaturidade de raciocínio e pensamento, desatenção e distração, falta de consciência do próprio comportamento;
- Acadêmica – que apresenta problemas específicos de aprendizagem;
- Emocional – que apresentam causas de depressão, baixa auto-estima, baixa resistência a frustração, humor imprevisível e variação;
- Físicas – que apresentam crescimento ósseo imaturo, aumento de infecções respiratórias como: sono curto, aumento da frequência de alergias e tolerância de dor e má coordenação motora.

GOLDSTEIN (2006)², afirma que TDA/H é um distúrbio bio-psicossocial, isto é, parece haver fortes fatores genéticos, biológicos, sociais e vivenciais que contribuem para a intensidade dos problemas experimentados. Foi comprovado que o TDA/H atinge 3% a 5% da população durante toda a vida. Diagnóstico precoce e tratamento adequado podem reduzir drasticamente os conflitos familiares, escolares, comportamentais e psicológicos vividos por essas pessoas. Acredita-se que, através de diagnóstico e tratamento corretos, um grande número dos problemas, como repetência escolar e abandono dos estudos, depressão, distúrbios de comportamento, problemas vocacionais e de relacionamento, bem como abuso de drogas, pode ser adequadamente tratado ou, até mesmo, evitado.

¹ Informações sobre o tema podem ser encontrado no vídeo de Janssen-Cilag e editado pela CINC Digital, com conteúdos, exclusivamente fornecido pela Associação Brasileira de Déficit de Atenção (MATTOS,2005)

² Sam Goldstein citado no site www.hiperatividade.com.br

A comorbidade é uma característica marcante do TDA/H. Quando uma pessoa apresenta o TDA/H, a chance de ela apresentar um outro problema é muito grande. Na infância os sintomas de comorbidade mais frequentes são: transtornos específicos do aprendizado, do comportamento ansioso e depressivo e tique. Em adultos são transtornos do humor, do sono, alimentar como bulimia e abuso de drogas incluindo o álcool e tranqüilizantes. (MATTOS, 2006).

Até a década de 80, acreditava-se que o TDA/H era um distúrbio que iniciava na infância e ia até o final da adolescência. Muitas vezes, as manifestações dos pacientes eram confundidas com outros quadros clínicos psiquiátricos, pois, só diagnosticam as condições comórbidas. Porém o TDA/H apresenta vários índices de comorbidade, ou seja, com outros sintomas mais a hiperatividade.

1.3 CACTERÍSTICAS DO TDA/H

As características do TDA/H aparecem cedo para a maioria das pessoas, logo na infância. O distúrbio é caracterizado por três grupos de sintomas: desatenção, hiperatividade e impulsividade.

Para que uma criança se seja diagnosticada como TDA/H, devem apresentar necessariamente pelo menos seis ou mais sintomas de desatenção e/ou hiperatividade e/ou impulsividade persistente. (ROHDE,1999)

Em crianças os sinais observados de desatenção apresentam-se da seguinte forma, segundo afirmam ROHDE (1999), BENCZIK (2000) e MATTOS (2005).

- Dificuldade em prestar atenção a detalhes ou comete erros por distração, não copia da lousa uma frase completa, não acentua palavras corretamente (sinais, vírgulas, acentos, etc).
- Apresenta não ser cuidadoso com atividades escolares, no trabalho, ou em outras atividades;
- Frequentemente não prende muita atenção em tarefas ou atividades lúdicas, principalmente as prolongadas, repetitiva ou que não lhe sejam interessante;
- Parece não escutar quando alguém lhe dirige a palavra e depois fica fazendo perguntas;

- Muda frequentemente de uma atividade para outra sem terminar a anterior, sempre alega que não tem tempo para acabar de copiar a lição ou que o colega conversou e atrapalhou;
- Não lêem a pergunta até o final e já responde;
- Pouca persistência não completa tarefas;
- Tem dificuldades em organizar as tarefas e atividades do dia-a-dia, escreve no caderno do final para o começo, pula folhas, geralmente o caderno não tem capas e as folhas possuem “orelhas”;
- Evita envolver-se em tarefas que exijam dedicação, organização, concentração e esforço mental constante;
- Perde coisas necessárias para tarefas ou atividades, por exemplo: brinquedos, deveres escolares, lápis, livros, óculos, blusas e outros utensílios;
- Apresenta facilidade a distração por estímulos sem importância e interrompem as tarefas que estão realizando para dar atenção aos barulhos, ruídos alheios, buzina de carro, conversa ou barulho no fundo da classe, barulho da TV, ou o latido de cachorro;
- Muitas vezes ficam viajando e sem pensamentos;
- Busca frequentemente situações até mesmo arriscadas;
- É desatenta a fala de outras pessoas, esquecem recados ou material escolar e até mesmo o que estudaram na véspera da prova, parecem estar sempre no “mundo da lua”;
- Frequentemente esquece das atividades diárias;
- Costuma fazer varias coisas ao mesmo tempo;
- Vive constantemente atrasado nas atividades em relação às demais crianças;
- Quando interrompido em sua fala ou alguma coisa, depois não recorda mais do que ia falar ou fazer.

Os autores ainda ressaltam que a manifestação dos sintomas de hiperatividade (atividade motora excessiva) caracterizada em crianças hiperativas, recebeu o nome de distúrbio por causa da manifestação de atividade corporal excessiva, desorganizada e sem ter objetivo concreto.

Os traços da hiperatividade observado em crianças são os seguintes:

- Fica remexendo-se na cadeira e mexendo as mãos e os pés quando esta sentada;
- Corre sem destino ou sobe em lugares inadequados;
- Frequentemente tem uma sensação de inquietação ou ansiedade;
- Dificuldade em brincar ou envolver-se com criança em atividades de lazer sossegadamente.
- Frequentemente é “elétrica”, muitas vezes age como se tivesse “a todo vapor”;
- Fala em excesso e tem tendência a monopolizar as conversas;
- Mostra necessidade em estar ocupado sempre em alguma coisa;
- Frequentemente esta preocupado com algum problema seu ou de outra pessoa;

Quando à manifestação dos sintomas de impulsividade ou falta de autocontrole nas crianças, este comportamento é inicialmente controlado pelos adultos, desde a sua fase inicial de vida, seguindo certas normas e frequentemente vão contra os desejos da criança. E *“tais normas externas ou impostas acabam internalizadas pela criança no decorrer de seu desenvolvimento, de forma que o controle externo dá lugar ao autocontrole”*. (BENCZIK, 2000, p.29). É um processo que se encontra alterado nas crianças hiperativas, nas quais as condutas impulsiva constitui um dos aspectos relevantes do distúrbio com uma satisfação imediata de seus desejos e com pouca tolerância à frustração.

A impulsividade pode manifestar-se no comportamento das crianças deixando-as impacientes e com várias dificuldades, esses autores ressaltam que as características do TDAH predominante em impulsividade são:

- Frequentemente dão respostas precipitadas antes de os outros terminarem de falar;
- Repentinamente também apresentam dificuldades em se organizar e planejar aquilo que querem ou precisam fazer;
- Constantemente tem dificuldades em esperar por sua vez e agem se pensar;
- Interrompem os outros ou se mete em assuntos de outros (por exemplo: invade a conversa ou jogos dos outros, etc);
- Tem rápidas e passageiras explosões de choro, birra ou explosão de raiva. Às vezes sob a forma de agressão direta ou atacando o outro verbalmente e têm tendências as explosões histéricas;

- Não consegue se conter, reagindo mesmo quando a situação não o atinge diretamente ou quando sua reação pode até prejudicar;
- Constantemente é hiper-sensível à provocação, critica ou reação;
- Frequentemente sofre oscilações bruscas e repentinas do humor com curta duração;
- Constantemente oscila muito em suas atitudes: um dia parece estar bem, e, no outro demonstra ter dificuldades com a mesma atividade, pois parece estar incoerente em suas respostas;
- Facilidade a um mau humor, tanto no homem quanto na mulher (diz-se que parece estar no período pré-menstrual);
- Tem excesso de espontaneidade, chegando às raias da falta de tato e de cerimônia.

Outras manifestações como: caligrafia péssima; dificuldades de coordenação; dificuldades para dormir e despertar o sono; hipersensibilidade a ruídos e ao tato; dificuldade na questão espacial; deficiência durante o tempo da avaliação escrita (prova) e, a mulher apresenta síndrome pré-menstrual acentuada. (ROHDE,1999).

CAPÍTULO II

A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E A INCLUSÃO: TDA/H

Pretendo iniciar este capítulo sobre a Inclusão citando o artigo 3º Declaração de Cave Hill³ que diz: “*Todas as barreiras que impeçam a igualdade de oportunidades devem ser removidas*”. Esta declaração foi adotada unanimemente durante o Programa Regional de Capacitação de Líderes, da Organização Mundial de Pessoas com Deficiência, que se realizou na Universidade das Índias Ocidentais, na cidade de Cave Hill, Barbados, em 1983.

O objetivo deste capítulo é o de demonstrar os conceitos da educação inclusiva, seus princípios, características, e contextualizar as formas como a escola (Professor, Corpo técnico), devem agir no cotidiano com alunos portadores TDA/H.

2.1 A EDUCAÇÃO INCLUSIVA, UM DESAFIO.

A educação inclusiva é uma educação democrática comunitária, pois supõe que o professor saia da sua arrogância, falso domínio e tenha coragem de dizer não sei como trabalhar com uma criança que apresente alguma deficiência (MANTOAN, 2003).

Ela afirma que cumprir o dever de incluir todas as crianças na escola supõe, portanto, considerações que extrapolam a simples inovação educacional e implicam o reconhecimento de que o outro é sempre e implacavelmente diferente, pois a diferença é o que existe, a igualdade é inventada e a valorização das diferenças impulsiona o progresso educacional.

³ Disponível em: http://www.mpdft.gov.br/sicorde/legislacao/01_A1_13.htm Acessado em 05/11/2007.

Para FIEL (2006), a educação inclusiva é uma possibilidade que se abre para o aperfeiçoamento da educação escolar e para o benefício de todos, valorizando suas características, independentemente de ser ou não um portador de necessidades especiais, assim o princípio fundamental da educação inclusiva é que todas as crianças deveriam aprender juntas, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que possam ter.

O processo de inclusão se refere a um processo educacional que visa estender ao máximo a capacidade da criança portadora de deficiência na escola e na classe regular. Envolve fornecer o suporte de serviços da área de Educação Especial através dos seus profissionais (MRECH, 2007).

A partir das considerações das autoras, entendo que a educação inclusiva, é um avanço para o sistema educacional, porém considero que o Estado deve investir em capacitação para os professores, tendo em vista serem despreparados para atuarem com esses alunos, esse é o motivo pelo qual considero ser um desafio.

O princípio fundamental da educação inclusiva “*é a valorização da diversidade dentro da comunidade humana*” (KUNC, 1992, **página**). O autor afirma ainda que quando a educação inclusiva é totalmente abraçada nós abandonamos a idéia de que as crianças devem se tornar normais para contribuir para o mundo.

A Declaração de Salamanca⁴ afirma que o princípio que orienta a estrutura de ação em educação especial “*é o de que escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras*”.

MANTOAN (2003, p. 106-107), considera como princípios fundamentais da inclusão

“o privilegiamento das relações sociais entre todos os participantes, colaboração e participação; possibilidade de que todas as crianças atinjam seu potencial máximo; crença de que as crianças possam aprender juntas embora tenham ritmos e processos diferentes”.

Compete à escola, através dos professores e demais funcionários, receberem esses alunos com especialidades respeitando suas diversidades, pois, os mesmos são capazes de aprender independente de suas limitações.

⁴ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acessado em 10/11/2007. A Declaração de Salamanca é considerada um dos principais documentos mundiais que visam à inclusão social.

A inclusão é um processo constante que precisa ser continuamente revisto (MRECH, 2007). A partir desta característica da educação inclusiva, entendo que a escola precisa promover debates, seminários, palestras, em que estejam envolvidos, os professores, pais, para esclarecer, quais as metodologias estão sendo utilizadas para a inclusão dos alunos especiais. É importante que esse processo não ocorra somente no ambiente escolar, mas que haja uma interação família-escola.

2.2 A INCLUSÃO SOCIAL

A inclusão social traz aquele que é excluído socialmente por algum motivo, para uma sociedade que participe de todos os aspectos e dimensões da vida - o econômico, o cultural, o político, o religioso e todos os demais, além do ambiental (MAFRA, 2007).

A autora continua afirmando que um ponto importante sobre a inclusão social é percebemos que o fato de incluir significa também que devemos capacitar, a quem, as pessoas, aos professores, as empresas e até mesmo aos alunos, pois a eles competem a maior tarefa que é a de aceitação do grupo. Claro é que essa capacitação não é de uma hora para outra, mas aos poucos isso é relevante e dará muitos resultados.

Certamente um longo caminho e mudanças profundas deverão ocorrer para que a prática da inclusão escolar seja uma realidade nas escolas, pois ainda lidamos com novos e velhos costumes.

Portanto, a inclusão requer um caminho que seja para todas as pessoas, na qual o professor considere todas as possibilidades para favorecer o desenvolvimento de cada aluno onde os interesses, necessidades, competências e habilidades sejam levados em conta. Este é o desafio a ser enfrentado para todas as escolas regulares tradicionais que tem baseado único e exclusivamente o seu papel na transmissão de conteúdo.

2.3 A INCLUSÃO ESCOLAR DO PORTADOR DE TDA/H

A literatura apresenta que, cerca de 3 a 5% das crianças são portadoras da TDA/H, deste modo, é importante que a Escola esteja preparada para trabalhar com este aluno. A Instituição escolar, em parceria com a comunidade, deverá oferecer condições físicas, pedagógicas, etc. para que o estudante receba a formação adequada, neste sentido o

primeiro passo da inclusão é entender e aceitar que cada criança tem um ritmo, tendo ela uma necessidade ou não.

Infelizmente existe ainda *“na escola uma relutância quanto à aceitação do aluno que apresenta aspectos do TDA/H. Existe uma tendência dos professores e colegas a estigmatizar essa criança e neutralizar sua participação nas atividades cotidianas da escola”*, comenta Sebastião Rogério Góis Moreira⁵, psicólogo e professor do Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira (Fundação Helena Antiposs), em Minas Gerais.

Tendo em vista a importância da inclusão dos alunos portadores do TDA/H na escola, a Associação Brasileira de Déficit de Atenção - ABDA participou no mês de outubro de 2007, da Audiência pública, na Câmara dos Deputados, em Brasília para discutir sobre TDA/H e suas conseqüências na vida escolar e social do aluno.

A iniciativa foi do deputado Democrata Alcení Guerra, do Paraná, juntamente com o pai de um portador. O deputado é relator de um projeto de Lei que propõe a criação de uma Lei específica para os portadores de TDA/H no Brasil, com objetivo de reduzir os prejuízos acumulados ao longo da vida escolar de crianças e adolescentes. Essa Lei busca ser efetiva na inclusão dos portadores de TDA/H como portadores de necessidades especiais junto ao Ministério de Educação e Cultura-MEC.

⁵ Disponível no site oficial da Revista Eletrônica de Jornalismo Científico “Com Ciência”. <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=5&id=62> acessado em 20/11/2007.

CAPÍTULO III

SALA DE AULA: UM AMBIENTE DE APRENDIZAGEM

3.1 PROFESSORES COM ALUNOS TDA/H

Neste capítulo será descrito de que forma o professor lida com o aluno TDA/H, como também que tipo de atividade deverá ser aplicada para realmente fazer da sala de aula um ambiente de aprendizagem, e acima de tudo, dicas para melhorar o relacionamento professor – aluno.

O professor na escola convive com muitas crianças com comportamentos diferenciados uns dos outros e, muitas vezes, percebe que a criança é portadora do TDA/H, pois a criança movimenta excessivamente em sala de aula, não consegue prestar atenção e nem concentrar nas atividades, sempre interferindo de maneira imprópria e inoportuna na conversa dos outros alunos, geralmente tumultua a classe com brincadeiras bobas e fora de hora e o seu rendimento escolar é baixo em relação às outras crianças. (ROBERTSON, 1987)

A hiperatividade pode manifestar tanto no período pré-escolar como durante o período escolar da criança. Há casos de crianças que apresentavam comportamento mais tranquilo em outras fases da vida e, de repente sem justificativa tornaram-se hiperativas. É na idade escolar que a criança hiperativa começa a mostrar suas aventuras ao mundo, pois já não tem a família por perto para “podar” a sua inquietude e agir como um amortecedor. O comportamento da criança que antes era tido como “engraçadinho” ou imaturo já não é mais tolerado. Desde o momento que a criança hiperativa frequenta uma sala de aula, ela passa lidar com as regras, a estrutura e os limites da educação que lhe são impostos, a partir daí o seu

temperamento não ajusta as expectativas da escola. O mau comportamento, o não rendimento da criança em relação às outras é fundamental para a identificação do hiperativo. (CYPEL, 2000).

Segundo FURTADO (2003), os professores lidam diariamente com a relação entre aprender e ensinar a trabalhar com valores diferenciados, tais como: limite, atenção, mau comportamento e transtornos.

Quando um professor diz que seu aluno é “hiperativo” ele pode estar fazendo várias interpretações, porque, a palavra “hiperativo” significa atividade em demasia e muitas vezes, os distúrbios neurológicos são confundidos com comportamentos que são considerados comuns ou normais entre crianças e adolescentes. É necessário observar as atitudes desenvolvidas por ela na escola, sua idade ou situações físicas aparentemente semelhantes, pois, pode resultar em rendimentos escolares ou diagnósticos completamente diferentes, assim como os distúrbios naturais ou sociais, que mudam o ritmo da aprendizagem podendo ser confundidos com outros diagnósticos, mas certamente não os impedem de aprender, assim acontece com os hiperativos.

A maioria dos TDA/H sofre alto índice de rejeição de seus colegas, uma vez que seus colegas percebem que o TDA/H esta perturbando nas atividades de grupo, seja trabalho de equipe, ou brincadeiras e esportes o mesmo deixa de ser convidado. Segundo alguns autores esta rejeição social é um dos fatores que permite predizer a ocorrência de delinquência, abandono dos estudos, e má adaptação na vida adulta.

Diante disso, é importante o professor ficar atento no comportamento dos alunos, pois a rejeição social como já foi dito é um dos fatores que influenciam negativamente na vida do TDA/H, cabem aos professores informar e conscientizar os alunos, criando um projeto para melhorar a integração desta criança.

3.2 ATIVIDADES ESCOLARES

Este tópico foi preparado especialmente para os professores que possuem dificuldades em aplicar suas metodologias na sala de aula quando se tem um aluno portador do TDA/H.

Segundo os autores estudados ROHDE (1999), BENCZIK (2000), MATTOS (2005) E FURTADO (2003), acerca das atividades escolares desenvolvidas em sala de aula, o

professor deve procurar fazer da aula um dia de novidades, surpreendendo as crianças com brincadeiras e diversão e sendo extravagante, pois as crianças com TDA/H adoram novidades. Elas ficam entusiasmadas e isso ajuda a prenderem a atenção. Sempre o professor deve usar a criatividade da criança propondo tarefas que exijam a criatividade dela, se for possível desenvolver atividades com as crianças no computador, pois escrever à mão é difícil para as crianças com TDA/H. Ensiná-las a usar os teclados, fazer testes orais, incentivá-las a fazer leitura em voz alta na sala, assim estará ajudando a turma toda a se interagir com a criança hiperativa. Pedirem as crianças para recontar as histórias contadas pelo professor. Também o professor deve buscar a atenção delas. Dar uma de maestro na sala, antes de iniciar a aula de sinal para o silêncio, bater palmas, o giz ou a régua na mesa para chamar a atenção. Sempre manter a turma atenta e apontar para diferentes partes da sala como se tivesse pedindo a ajuda delas.

Esses mesmos autores dizem que o exercício físico é um dos melhores tratamentos para crianças e adultos com o TDA/H, pois a ginástica ajuda a liberar o excesso de energia, a concentrar a atenção, estimula certos hormônios e neurônios que são benéficos. O exercício físico é divertido para criança, porque ela continuara fazendo para o resto da vida.

Os professores deverão preparar listas de consulta, pois as crianças com TDA/H se beneficiam muito mais quando têm tabelas ou listas para consultar quando se perdem no que estão fazendo, elas precisam de algo para fazê-las lembrar das coisas. Também necessitam de previsões repetições, diretrizes, limites e organização. Sempre avisarem antes as crianças do assunto que vai falar e repetir o que já falou. Muitas crianças com TDA/H, só aprendem se for visual, este tipo de estruturação pode ajudar a criança a memorizar as idéias. O professor precisa prestar atenção nas crianças, quando envolver emoções no processo de aprendizagem.

Nós professores devemos lançar mão de estratégias e recurso de ensino mais flexíveis até perceber o estilo de aprendizado da criança, isso ajudara a atingir um nível de desenvolvimento satisfatório. Sendo importante desenvolver um método para a auto-informação e monitoração, reservar alguns minutos no final de semana ou no final da aula para conversar com a criança a respeito da aula e ouvir a opinião da criança sobre processo de aprendizagem, e sempre que possível, transformar as tarefas em jogos, assim a motivação para o aprendizado aumentará.

Precisamos estimular os alunos a tomar nota dos pontos mais importantes de cada conteúdo, pois isso ajudara a organizar melhor o conteúdo. Também eliminar ou reduzir

a frequência de testes cronometrados, os testes apenas estimulam a impulsividade desses alunos, deve-se avaliar as tarefas executadas mais pela qualidade do que pela quantidade, o importante é que a criança aprenda os conceitos.

No entanto não devemos, esquecer que é necessário reduzir as tarefas de casa, pois a criança com TDA/H frequentemente necessitam de uma carga reduzida de deveres de casa, elas precisam de liberdade e prendê-las no estudo não irá fazer com que produzam nem mais e nem menos do que elas podem.

Para tanto, às tarefas de sala, também devem ser diferenciadas, ou seja, menores e mais simples, assim ficam mais fáceis de serem trabalhadas, e na medida em que a criança vai desenvolvendo com rapidez as tarefas, o professor aos poucos deve começar passar atividades com mais tempo de duração, assim elas vão se adaptando.

A utilização de relatórios e diários de avaliação com as crianças costuma dar retorno para o professor, isto ajudará a se tornar auto-observadora, pois, elas normalmente não têm a idéia de como vão ou como tem se comportado, porém tente informá-lo de modo construtivo fazendo perguntas que promovam a auto-observação, ao mesmo tempo trocar de idéias com elas depois da aula e também utilizar o intervalo para conversar, assim você estará ajudando a criança a descobrir se ela esta aprendendo.

Por isso, é imprescindível um caderno para fazer as anotações do dia-a-dia “casa-escola e escola-casa” isto é fundamental para fazer comunicações entre pais e professores, evitando fazer reuniões chatas pra expor os problemas das crianças aos pais, por isso, frequentemente os professores devem procurar os pais, pois ajudara ainda mais no freqüente retorno de informação que a criança precisa.

A literatura afirma que também a criança que fantasia, por isso é necessário o professor trabalhar com atividade física e mental, procurando utilizar lições dentro do mundo da criança e desenvolvendo um tempo para falar de sonhos, sonhar com a criança, deixando-a usar a imaginação. Essas crianças precisam de voluntários para ajudá-las nas tarefas, pois elas têm dificuldades para resolvê-las e o professor precisa dar o máximo de atenção a elas, esclarecendo as regras sociais dentro e fora de casa, pois elas precisam estar bem orientadas.

O professor deve ser amigo da criança, sempre falar o que se espera dela, o porquê se cobra e citar exemplos de outra pessoa a ela. Também ser criativo, criar questões orais de varias alternativas e fazer a criança repetir as perguntas, fazendo inúmeras perguntas a elas antes de passar um novo conteúdo. Pedir às crianças que contem histórias, separar a

realidade da fantasia, de histórias que misturam fatos e ficção e pedir a criança para fazer comentários ou críticas. Deverá ensinar a criança a se comunicar umas com as outras e ensinar também a criar um arquivo para criança colocar tarefas concluídas.

Portanto, para o professor ter sucesso nas atividades escolares, precisa estar consciente de seu papel como mediador, e lembrar que as crianças com TDA/H necessitam de repetições, diretrizes e organização, sendo necessário demonstrar seu amor, sua paciência e sua aceitação, pois este aluno necessita de sua ajuda para se desenvolver.

3.3 SALA DE AULA: AMBIENTE DE APRENDIZAGEM

O local onde os alunos passam a maior parte do tempo na escola é na sala de aula, por isso a escola deve ter total atenção a esse ponto. Vários autores, entre eles ROHDE (1999), BENCZIK (2000), MATTOS (2005) e FURTADO (2003), afirmam que a sala de aula precisa ser bem estruturada, para receber as crianças com TDA/H. Importa também que o professor tenha regras, claramente estabelecidas e que estabeleça limites ao seu comportamento, pois a criança tem dificuldades de gerar sozinha essa estruturação e este controle. O professor deve deixar claro o que é esperado dos alunos desde o primeiro dia de aula, falando de modo explícito para a criança.

As carteiras devem ser colocadas em círculos na sala de aula, isso facilita o contato olho com a turma. Geralmente, a criança com TDA/H gosta de ficar no fundo da sala, não podendo visualizar os olhos dos colegas, tornando-o ainda mais disperso. Na classe, sentar a criança próxima à mesa do professor ou de onde o professor fica a maior parte do tempo, isso ajuda a evitar a distração que muito prejudica a criança. Também o professor deve ter cuidado com as cores fortes, pois o estímulo multicolorido costuma deixar as crianças mais excitadas e menos atentas nas atividades. As cores fortes como vermelho e amarelo devem ser evitadas no ambiente da criança e inclusive na vestimenta da criança.

Nunca colocar as crianças perto do ar condicionado, porta, janelas ou na área de muito movimento. É necessário manter a calma, pois as transformações de comportamento acontecem devagar, e é necessário que a criança seja trabalhada constantemente, imediatamente e honestamente pelo professor.

O intermediário do aluno é o professor, ele precisa encorajar a criança no cotidiano, utilizando metodologia preferencialmente visual, assim elas aprendem melhor.

Deve sempre procurar escrever palavras chaves na lousa, e ao mesmo tempo ir falando sobre o assunto, ao quais as palavras - chaves estão relacionadas. Estimule o máximo do potencial criativo da criança, estimular até mesmo atividades que envolvam o uso de argila sucata, dramatizações, teatros, etc.

O professor deve se expressar claramente, de modo conciso e, de preferência, apresentar aquilo que esta sendo dito também sob forma visual (slides, quadro negro, pôsteres), em função das dificuldades de manutenção da atenção (MATTOS, 2005, p.105).

Além da participação de todo corpo de funcionários da escola, cabe ao professor ser um grande observador na sala de aula. Ter uma conversa demoradamente com a criança, se for necessário, com inteligência e empatia, levantar as regras e responsabilidades para as crianças hiperativas. Não ser tão exigente impondo silêncio nas crianças hiperativas, pois elas não conseguem por natureza controlar as suas inquietudes, e até mesmo outras crianças que não são hiperativas, mas que tem problemas de comportamentos. Deve sim, adotar alguma alternativa no momento certo, saber dizer “não”, ser coerente e dar explicação à criança na hora certa.

3.4 RELAÇÃO PROFESSOR - ALUNO

As relações entre professor e aluno incluem a questão do ensino, da aprendizagem, do processo de conhecer-ensinar-aprender, da autoridade, da liberdade, da leitura, da escrita, das virtudes do professor, da identidade cultural dos alunos e do respeito devido a ela. Todas estas questões se acham envolvidas nas relações professor-aluno. (FREIRE, 2003).

Logo, a relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles.

Percebe-se que o trabalho com crianças portadoras de TDA/H precisa ser com professores que buscam desenvolver as qualidades escondidas, que as crianças têm e que necessitam serem desenvolvidas para que possam ter uma vida mais saudável. E mesmo lidando com os casos de TDA/H, não cabe ao professor diagnosticar o TDA/H na criança, e sim, questionar quando tiver a certeza de que a criança precisa passar por um especialista para

ser feita a avaliação adequada. A responsabilidade é dos pais perceberem que a criança é portadora de algum tipo de transtorno e não os professores, mas muitas vezes, os pais não percebem e os professores podem contribuir para o processo avaliativo. O professor precisa entender a diferença entre a criança que foi educada e a criança que apresenta comportamento hiperativo.

O professor precisa pedir ajuda aos especialistas em TDA/H e, quando achar necessário, consultar uma pedagoga, neuropediatra, psicólogo infantil que conheçam muito bem sobre o TDA/H, e levar esses especialistas a conhecer os recursos pedagógicos e o espaço da sala de aula, pois onde têm duas ou mais crianças com TDA/H, para o professor é extremamente cansativo e até desaconselhável. É necessário, o apoio da escola, dos pais e que o número de alunos em sala seja reduzido. E também é necessário trabalhar na criança a responsabilidade e o respeito, elas precisam saber agir conforme manda as regras do sistema com aos quais convivem. A criança precisa entender que para haver um bom relacionamento é necessário que haja respeito e responsabilidade, pois elas percebem quando são vistas como indivíduos.

O bem estar físico e mental desta criança deve ser construído, e cabe ao professor aceitar e reconhecer as qualidades positivas da personalidade da criança, por isso deve elogiar com frequência suas qualidades, e não só o sucesso, pois toda construção é baseada no amor e as crianças que recebem elogios se desenvolvem muito mais, e as que não recebem elogios retrocedem, murcham, bloqueiam e isso faz a auto-estima da criança cair. Para que isto não ocorra, professor deve passar informações à criança sobre sua evolução e sucessos já que elas convivem com tantos obstáculos, logo é necessário estimular a criança no cotidiano sempre valorizando os aspectos positivos.

Quanto às promessas feitas às crianças, todas devem ser cumpridas, muitas delas perderam a confiança nos adultos por não cumprirem as promessas feitas. Ser transparente com as crianças, ensinar o que mais lhes agrada, reconhecer nelas os objetivos alcançados e sempre conversar seriamente com as crianças como amigos. Quando a criança interromper as atividades, o professor deve empregar as punições leves acompanhadas de instruções para o retorno ao trabalho.

Juntamente com as crianças o professor deve criar um código de conduta, com sentenças curtas e simples, linguagem clara e adequada ao nível do desenvolvimento delas, pois facilitará a memorização por parte das crianças, não esquecendo de fixar em lugares

visíveis às regras de funcionamento em sala de aula, assim as crianças terão mais responsabilidades.

A literatura aponta que a criança precisa ser valorizada, nunca dizer “não” só por capricho se pode dizer “sim” para a criança. Se fizer um pedido razoável dê permissão à criança ela aprende a ser responsáveis pelo seu ato. O professor deve comunicar com a criança sempre, cumprimentá-la, pedir desculpa quando for necessário, mantendo sempre o respeito e nunca chame por apelido, também não deve fazer comentários depreciativos, pois seria desagradável para criança.

O melhor especialista para dizer como a criança aprende é a própria criança, principalmente as crianças mais velhas que, com certeza, já entendem o que é o TDA/H, isto vai ajudar a ambos. Por isso o professor deve envolver a criança no processo de aprendizagem e perguntar a ela em que podem ajudar assim elas podem dizer a forma mais fácil de aprender. O professor deve pedir opinião da criança sobre qual é o melhor método para seu aprendizado, pois elas terão sugestões valiosas para passar.

Nas relações sociais, esses autores estudados afirmam que, o professor deve ajudar a criança que tiver problemas com a linguagem do corpo, tom de voz, etc, discretamente oferecer sinais específicos e explícitos, como uma espécie de treinamento social. Muitas crianças com TDA/H são vistas como indiferentes ou até mesmo egocêntricas, mas elas apenas não aprenderam a interagir e nem todas têm esta habilidade natural, por isso precisamos ensiná-las ou treiná-las. O treinamento pode ser até mesmo de dupla, trio ou até juntar todas as crianças que precisam se sentir motivadas no dia-a-dia.

Procure responder a questões feitas pela criança com verdade, sinceridade, curta e rápida, dentro das reais possibilidades de entendimento, nunca inverter uma resposta, pois elas conhecem quando falamos com sinceridade e dependendo da situação de uma criança o adolescente o esclarecimento serve até para as outras crianças também.

Jamais o professor deve expor a criança ou o adolescente ao ridículo, para não dar chance ao professor ser exposto também, pois as crianças são muito espertas. Em qualquer atrito que envolva o hiperativo, sempre ouvir os dois lados envolvidos e fazer a criança ouvir e saber que não é punida antes de esclarecida a situação para ambos. A punição é feita para que a criança assuma a própria responsabilidade do ato diante do outro, mas sempre se deve dar uma nova chance para que ela possa reparar os seus erros, pois é fundamental para a sua autoconfiança.

Portanto, espero que vocês os professores, não encarem estas dicas como receitas prontas, mas que façam delas estratégias com bases em diretrizes gerais. Afinal, a individualidade de cada criança esta acima de tudo, especialmente quando se aborda um transtorno tão heterogêneo como o TDA/H.

CAPÍTULO IV

A VISÃO DOS PROFESSORES FRENTE AO TDA/H

Neste capítulo, apresento a pesquisa de campo, realizada em duas escolas, sendo uma rede pública e outra particular.

Os questionários foram respondidos por oito professores que atuam na sala do 7º Ano, seis da rede pública e dois da particular.

A idade dos profissionais entrevistados varia entre 33 a 52 anos e o tempo de exercício profissional é de 4 a 23 anos; Todos são graduados.

O objetivo deste questionário é relatar o conhecimento que o professor tem a respeito do tema TDA/H e que metodologias são trabalhadas em sala de aula, para lidar com este aluno.

Para coleta de dados foram apresentadas as seguintes questões:

4.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Você sabe o que significa a sigla TDA/H?

Três professores responderam que é uma sigla usada para identificar indivíduos hiperativos que possuem dificuldades de aprendizagem e também de concentração.

Três professores só ouviram falar do TDA/H, mas não de modo científico.

Dois professores não sabem o que significa a sigla.

Como você conheceu este tema “TDA/H”?

Três professores responderam que conheceu o tema através da universidade.

Três professores responderam através de revista e televisão.

Um respondeu através do rádio.

Um respondeu que conheceu através de livro, internet, televisão, universidade e palestra.

Você tem ou já teve algum aluno com TDA/H?

Os oito professores responderam que sim.

Descreva os principais aspectos observáveis no comportamento deste aluno sobre a relação:**Aluno x aluno:**

Quatro professores responderam que o aluno provoca verbalmente seus colegas, que reagiam com agressões físicas, mas quando ele era agredido fisicamente não reagia e não demonstra ressentimentos.

Quatro professores responderam que o relacionamento com os meninos era para chamar atenção e com as meninas de competição, porém queria sempre ser o centro das atenções, e envolver seus colegas em suas ações.

Professor x aluno:

Dois professores relatam que a relação era até razoável, mas como a própria mãe dizia era com mãos de ferro, no entanto é sempre carinhoso.

Três professores relatam que não dialogava individualmente com o professor, porém interferia muito na aula, queria competir com o professor em chamar atenção, ele procura sempre fazer algo para que a sala olhe para ele.

Três professores afirmam que era apático ao aprendizado, ou seja, não percebe, não absorve nada, quando chama para discussão ou participar: apresenta não ter ouvido nada.

Funcionário x aluno:

Dois professores responderam que com alguns funcionários era carinhoso e tinha uma relação sociável, com outros não respondia com educação, era agressivo para desafiar.

Dois professores responderam que sempre estava fazendo algo para chamar atenção, sendo irritante com os funcionários.

Um professor respondeu que o aluno não agradava funcionários da limpeza e da cozinha, pois era inquieto.

Três professores não responderam.

Quais são as metodologias de trabalho quando se tem um aluno TDA/H? Se puder, especifique as atividades desenvolvidas e comente uma experiência em sala de aula que te marcou.

Os oito professores responderam que não tem uma metodologia específica e nem foram instruídos para trabalhar com este aluno.

Mas afirmam as atividades tem que ser dinâmicas e o acompanhamento deste tem que ser lado a lado o tempo todo, pois o mesmo perde a concentração muito fácil, até para copiar algo do quadro se atrasa devido ao excesso de movimento, por isso professores estipulam tempo para ele terminar, senão ficaria copiando na hora do recreio, ou quando o aluno termina rápido, para não ficar andando ou pulando, a opção é levar um texto extra para ele ler ou pedir para fazer algo, como apagar o quadro ou grampear trabalhos.

Quais necessidades que um professor apresenta para o trabalho com alunos TDA/H? Justifique sua resposta.

Três professores responderam materiais pedagógicos, pois escolas não possuem os materiais disponíveis e às vezes os professores não tem tempo de correr atrás.

Dois professores responderam que ajuda da escola é muito importante, só o professor fica muito difícil. Porém, é preciso orientação a este professor e ainda um aparato de assistência social ao aluno e sua família. Quando necessário acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico.

Três professores responderam que há maior necessidade de ajuda dos pais é importante que eles tragam laudo médico para diminuir o número de alunos na sala, também,

é importante conhecer com profundidade o caso e desenvolver um trabalho com carinho e responsabilidade e depois os demais itens são relevantes para o êxito final.

Qual o primeiro sentimento que vem ao saber que você vai ter um aluno com TDA/H na sala?

Dois responderam medo de não dar conta.

Dois responderam correr atrás de instrução.

Dois responderam pedir ajuda a coordenação pedagógica.

Um professor respondeu conhecer a criança.

Um professor respondeu adquirir novas experiências

O que você recomendaria para um colega de trabalho que nunca teve este tipo de experiência (aluno TDA/H), em sua prática docente ou administrativa?

Os oito professores responderam que é necessário buscar conhecimento sobre o assunto, manter contato com a família e com os profissionais da saúde que auxiliam o tratamento do TDA/H, assim será possível desenvolver um excelente trabalho, um professor ressalta que *é preciso ensinar e aprender com ele, pois a lei que gera a felicidade é a “caridade”*.

4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A partir dos dados coletados do questionário aplicados aos professores, podemos perceber que eles têm conhecimento acerca do que é o Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade, todavia este conhecimento é limitado ao senso comum. Os dados demonstraram também que eles desejam adquirir conhecimentos técnico-científicos sobre o tema.

Nesse sentido, MATTOS (2006), afirma que a escola deverá proporcionar cursos e palestras para professores e pais, utilizando-se de profissionais capacitados para dar suporte, informações e dicas de como lidar com crianças que apresente o transtorno. O autor continua dizendo que estas ações beneficiariam, e o trabalho fluiria melhor.

Ainda para BENCZIK (1999), a escolha da escola para esta criança é uma tarefa árdua que deve ser muito bem pensada. A autora afirma que é fundamental que a escola tenha uma equipe de professores e orientadores educacionais que estejam familiarizados com conceitos básicos sobre TDA/H, ou que pelo menos tenham interesses em discuti-los.

Todos os professores entrevistados tiveram alunos portadores do TDA/H. TOPCZEWSKI (1999), estima que a hiperatividade na idade pré-escolar esteja na faixa de 10% e na idade escolar de 4-5% das crianças. Esses dados confirmam que o número de alunos hiperativos em sala de aula é considerável, por isso a escola precisa incluir este tema no seu planejamento, para que este aluno seja realmente incluído no sistema educacional.

Para descrever as principais características do comportamento dos alunos portadores do TDA/H, foram identificados os aspectos sobre o relacionamento: professor-aluno, aluno-aluno, e funcionário-aluno.

No que diz respeito ao relacionamento professor-aluno FREIRE (2003), ensina que é importante conhecer esta relação, tendo em vista considerar que ela inclui a questão do ensino, da aprendizagem, do processo de conhecer-ensinar-aprender, da autoridade, da liberdade, da leitura, da escrita, das virtudes da educadora, da identidade cultural dos educandos e do respeito devido a ela. O autor afirma que todas estas questões se acham envolvidas nas relações professor-aluno.

De maneira geral os professores afirmaram que os alunos portadores de TDA/H buscam ser o centro das atenções; provocam verbalmente seus colegas; desafiam os professores; respondem perguntas antes de serem formuladas; muitas vezes ficam “viajando”, “voando” em sala de aula; perdem a concentração com facilidade; é importante ressaltar que alguns professores afirmaram que são carinhosos.

Essas descrições do comportamento dos portadores de TDA/H, se enquadram nas características identificadas por: RODHE (1999), BENCZIK (2000), MATTOS (2005) e FURTADO (2003).

Para TOPCZEWSKI (1999), a criança hiperativa sofre conseqüências sociais a começar pelos amigos que a discriminam por se sentirem incomodados devido ao seu comportamento.

Nesse sentido MATTOS (2006), considera que uma das mais importantes áreas de prejuízo do portador de TDA/H, diz respeito às habilidades sociais e ao relacionamento com seus pares. A intrusão e por vezes a agressividade resultante da hiperatividade e da

impulsividade, junto com a falta de atenção as regras sociais, geram dificuldades de socializar adequadamente, conclui afirmando que a rejeição social é um fator que nos permite prever a ocorrência da delinquência, abandono dos estudos, e má adaptação da vida adulta.

O questionário revelou que os professores não possuem metodologias específicas e nem foram instruídos para trabalharem com alunos portadores de TDA/H, todavia ressaltaram que aplicam atividades diferenciadas, “estipulam tempo para terminar de copiar, caso contrario, ficarão no recreio”, com objetivo de controlar os impulsos desses alunos.

Comentando sobre a inclusão desses alunos no sistema educacional, MANTOAN (2001), afirma que existe uma barreira que precisa ser transposta e que merece especial atenção no quadro de mudanças sugeridas no ensino inclusivo: diz respeito à inadequação de métodos e técnicas do ensino tradicional.

A autora afirma que a sustentação de um projeto escolar inclusivo implica necessariamente em mudanças nas propostas educacionais da maioria de nossas escolas e em organização curricular idealizada e executada pelos seus professores, diretores, pais e alunos.

Sobre este aspecto, ROHDE (1999), considera importante reconhecer as dificuldades e a complexidade do trabalho do professor em sala de aula. São vários alunos para atender e ensinar e não somente a criança com TDA/H. O autor propõe uma lista⁶ de sugestões que poderão facilitar e tornar mais agradável o trabalho com estas crianças.

Os professores apontaram que as principais necessidades para trabalhar com esses alunos são: materiais pedagógicos, infra-estrutura, auxílio da coordenação escolar, e maior acompanhamento dos pais. Para eles o Estado não oferece condições para que o professor desenvolva seu trabalho. Falta formação continuada sobre este tema, cursos de qualificação, relataram que possuem dificuldades até mesmo para identificar com precisão quais alunos realmente se encaixam no perfil do TDA/H. Afirmaram também que falta a troca de experiências metodológicas para atuar com eficiência na aprendizagem desses alunos. É importante ressaltar que estas respostas são comuns tanto entre os professores da rede pública como da privada.

⁶ Ver páginas 83-90 de ROHDE, Luiz Augusto P. e BENCZIK Edyleine B.P. **Transtorno de Déficit de Atenção Hiperatividade. O que é? Como ajudar?**. São Paulo: Artes Médicas, 1999.

Com respeito ao sentimento, relativo a ter um aluno portador de TDA/H em sala de aula, os professores afirmaram que além de sentirem medo de não dar conta, outras respostas encontradas foram: oportunidade de adquirir novas experiências, de buscar ajuda à coordenação pedagógica, de conhecer a criança, e de correr atrás de instrução.

Para tanto, MATTOS (2006), afirma que os professores que trabalha com crianças hiperativas enfrentam muitas dificuldades, mas considera que o profissional da educação que aceita esse desafio vai também criar condições para receber essa criança, utilizando dicas e buscando ajuda de outros profissionais e se atualizar no que se refere ao TDA/H. Continua dizendo que o professor precisa estar consciente de seu papel como intermediador, ter bom senso e pensar no desenvolvimento de seus alunos como uma recompensa de seu trabalho árduo.

Por fim, foi perguntado quais seriam as recomendações que os professores fariam a partir de suas experiências, nesse sentido responderam que o contato com a família, com profissionais da saúde e a busca constante pela atualização sobre TDA/H, são maneiras de se desenvolver um excelente trabalho. Com relação à parceria entre a família e a escola, consideramos importante concluir com as idéias de MATTOS (2006), o autor afirma que a orientação aos pais vai facilitar o convívio familiar não só porque ajuda a entender o comportamento do portador de TDA/H, como também permite compartilhar técnicas que auxiliam no manejo dos sintomas e na prevenção de problemas futuros, e também com FIEL (2006), a autora considera que somente através de informações que muitos pais vão aceitar a deficiência que o filho apresenta, pois muitos sabem que o filho é hiperativo, mais não aceitam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apontou que alguns professores que responderam ao questionário estão em busca do conhecimento sobre o assunto, mas, cabe as autoridades e profissionais da educação se reunir e refletirem sobre essa nova problemática, planejando ações que venham contribuir em vários setores do processo ensino aprendizagem reconhecendo que o centro da escola é o aluno.

De maneira geral, os alunos portadores de TDA/H, são de difícil relacionamento tanto entre professor-aluno, aluno-aluno, aluno-funcionário. Nesse sentido é importante que sejam desenvolvidos metodologias adequadas para inclusão deste aluno.

A exemplo da lei que tramita no congresso nacional, acredito que outras política publicas de inclusão devem ser efetivamente aprovadas, tais como: acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico, cursos de formação continuada para os professores, qualificação dos funcionários da escola, com o objetivo de contribuir no processo ensino-aprendizagem dos alunos portadores de TDA/H

Verificamos que, tanto os professores da rede pública quanto os da escola particular, apresentaram os mesmos limites com respeito ao conhecimento sobre o TDA/H. Esse dado demonstra que nem o Estado nem o setor privado estão preparados para lidar com esta situação, reforçando a necessidade da elaboração de trabalhos que tratem desse assunto.

Espero com esta pesquisa que os professores façam reflexões sobre o seu papel de educador, pois o educador é aquele que respeita e valoriza as diferenças individuais de cada aluno e o desperta para a vida, como também busquem atualização profissional, através

de palestras, livros, sites sobre TDA/H, dessa forma, contribuía para o crescimento dessa criança.

Ressalto a importância de que diante de uma criança com TDA/H, seja adotada uma criteriosa avaliação feita por profissionais de várias áreas, procurando atender todas as circunstâncias que a cercam, tanto familiar, escolar e social, pois assim estaremos colaborando para melhor compreensão de seu comportamento no meio em que vive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARKLEY, Russel A. **Transtorno de déficit de atenção hiperatividade**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

BENCZIK, Edyleine B. P. **Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade**. Atualização diagnóstica e terapêutica, um guia de orientação para profissionais. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

CYPEL, Saul. **Criança com déficit de atenção**. Diagnostico e terapêutica. São Paulo: Lemos, 2000.

DECLARAÇÃO de Cave Hill Disponível em: http://www.mpdf.t.gov.br/sicorde/legislacao/01_A1_13.htm. Acesso em 05 nov. 2007.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, disponível no site <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em 05 nov. 2007.

FIEL, Luciana. **O educador e o TDA/H**. In: MATTOS, Paulo; “**Educação infantil – a criança e o tda/h – transtorno do déficit de atenção e hiperatividade**”. Viçosa: CPT, 2006.

FURTADO, Albertina. **Uma dificuldade de aprendizagem quase desconhecida e/ou mal interpretada:** a hiperatividade. Publicado em 24/06/2003. Disponível no site: www.psicopedagogia.com.br. Acesso em 23 jul. 2007.

FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não:** cartas a quem ousa ensinar. 14. ed. São Paulo: Olho d'água, 2003.

GOLDSTEIN, Sam. **Compreensão, avaliação, e atuação: uma visão geral sobre o TDAH.** Publicado em 15/11/2006. Disponível no site: www.hiperatividade.com.br. Acesso em 26 maio 2007.

JANSSEN-CILAG. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.** CINC Digital. Disponível no site www.tdah.org.br. Acesso em 26 maio 2007.

KUNC, N. - **The Need of belong.** *Rediscovering Maslows Hierarchy of Needs* i Villa, J. S. thousand, W. Stainback e S. Stainback - restructuring for caring and effective education: in ministrators guide to creating heterogeneous schools. Baltimore: Paul H. Brookes, 1992.

MAFRA, Juliana. **Inclusão social.** Disponível no site: www.brasilecola.com/educação/inclusão-social. Acesso em 02 nov. 2007.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar – O que é? Por quê? Como fazer?** Campinas: Moderna, 2003. (Coleção Cotidiano Escolar).

_____ **Pensando e fazendo educação de qualidade.** São Paulo: Moderna, 2001

MATTOS, Paulo. **No mundo da lua.** 4. ed. São Paulo: Lemos, 2005.

MATTOS, Paulo; BOURBON, Sergio; FIEL, Luciana. **Educação infantil - a criança e o tda/h - transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.** Viçosa: CPT, 2006.

MOREIRA, Sebastião G. Disponível no site oficial da **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico“ComCiência”**. In: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=5&id=62>. Acesso em 20 nov. 2007.

MRECH, Leny Magalhães. **O que é educação inclusiva?** Disponível no site: www.inclusão.com.br/projeto_textos_main.htma. Acesso em 02 nov. 2007.

ROBERTSON, D.N. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade**. São Paulo: Artes Médicas, 1987.

ROHDE, Luiz Augusto P. e BENCZIK Edyleine B.P. **Transtorno de déficit de atenção hiperatividade. O que é? Como ajudar?**. São Paulo: Artes Médicas, 1999.

SOUZA, José Carlos. **Interdisciplinaridade em saúde mental**. Campo Grande: UCDB, 2000.

TOPCZEWSKI, Abram. **Hiperatividade: como lidar**. São Paulo: Casa do psicólogo, 1999.

ANEXO

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES

1. DADOS PESSOAIS:

Idade: _____

Tempo de profissão: _____

Formação: _____ Grau de escolaridade: _____

Instituição _____

2. AOS PROFESSORES:

1- Você sabe o que significa a sigla TDAH?

() sim () não

Justifique sua resposta: _____

2- Como você conheceu este tema “TDAH”?

() livro () revista () internet () televisão () radio () universidade () outros
Quais? _____

3- Você tem ou já teve algum aluno com TDAH?

() sim não()

4- Descreva os principais aspectos observáveis no comportamento deste aluno sobre a relação:

Aluno x aluno: _____

Profºx aluno: _____

Funcionário x aluno: _____

5- Quais são as metodologias de trabalho quando se tem um aluno com TDAH? Se puder, especifique as atividades desenvolvidas e comente uma experiência em sala de aula que te marcou.

6- Quais necessidades que um professor apresenta para o trabalho com alunos TDAH?

☐ vontade própria ☐ ajuda da escola ☐ presença de um monitor na sala ☐ material pedagógico disponível ☐ outros

Justifique sua resposta: _____

7- Qual o primeiro sentimento que vem ao saber que você vai ter um aluno com TDAH na sala?

☐ medo de não dar conta ☐ desespero por não saber lidar ☐ correr atrás de instrução ☐ conhecer a criança ☐ pedir ajuda a coordenação pedagógica
☐ adquirir novas experiências.

8- O que você recomendaria para um colega de trabalho que nunca teve este tipo de experiência (aluno TDAH), em sua prática docente ou administrativa?
